

## O perfil do egresso do curso de Ciências Sociais da UFSC (2000-2009)

Jacques Mick<sup>1</sup>  
Manuela de Souza Diamico<sup>2</sup>  
Joel Rosa da Luz<sup>3</sup>

**RESUMO:** O artigo apresenta resultados de pesquisa sobre o perfil profissional dos egressos do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) entre 2000 e 2009, realizada em 2010. A base de dados foi construída por meio da aplicação de questionário, focado em três temas: o perfil sociodemográfico dos egressos, a atividade profissional e a experiência com o curso. Os resultados apontam, principalmente, satisfação dos egressos em relação à formação obtida durante o curso, e críticas em relação aos vínculos entre a universidade e o mercado de trabalho.

**Palavras-chave:** Mercado de trabalho; Ensino superior; Cientista social.

### Introdução

Os egressos do curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) estão satisfeitos com as oportunidades de formação que receberam – especialmente em função da qualidade do corpo docente, dos programas das disciplinas e do espaço físico para as aulas –, mas criticam o curso por oferecer baixa capacitação profissional e pouco apoio institucional à inserção dos alunos no mercado de trabalho.

Esses são alguns dos resultados de pesquisa de perfil dos egressos do curso entre 2000 e 2009. Realizado em 2010, o levantamento identificou as características sociodemográficas, as áreas de atuação profissional mais frequentes, o aproveitamento da formação universitária na carreira, a continuidade do processo

---

1 Professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, coordenador da pesquisa.

2 Mestre e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, bolsista Reuni quando da realização da pesquisa.

3 Graduando em Ciências Sociais da UFSC, bolsista Permanência quando da realização da pesquisa.

educacional, a avaliação do curso depois de terminada a graduação, entre outros temas relacionados ao projeto pedagógico.<sup>4</sup>

Identificar o perfil do egresso é relevante para reaproximar o curso superior de seus ex-alunos, acompanhar sua trajetória, compreender suas dificuldades em relação ao mercado de trabalho e caracterizar seus campos de atuação. Estudos anteriores trouxeram informações preliminares sobre o perfil do cientista social oriundo da UFSC; a pesquisa de 2010 ampliou a quantidade de informações referentes à utilidade dos conhecimentos obtidos no ensino superior no campo de atuação do cientista social e às condições em que se encontram os graduados no mercado de trabalho.

Este artigo apresenta uma síntese, predominantemente descritiva, dos principais resultados da pesquisa.<sup>5</sup> A primeira seção apresenta com brevidade a problemática e os objetivos da investigação. A segunda detalha os procedimentos metodológicos. A terceira e mais ampla seção descreve alguns dos resultados, analisados na seção final.

## 1. Problemática e objetivos

Com o objetivo de delinear o campo de atuação da sociologia hoje, Schwartzman (2009) retoma taxonomia elaborada por Michael Burawoy, que define quatro tipos de “sociologias”: a “**sociologia profissional**” limitada à academia, “organizada como uma ciência empírica convencional, que existe e se desenvolve nos departamentos de sociologia das universidades”; a “**sociologia crítica**”, também acadêmica, preocupada com os debates sobre a natureza da sociologia; a “**sociologia aplicada**”, extra acadêmica, orientada para o

---

4 A pesquisa é fruto do debate, iniciado em 2006, de renovação da grade curricular do curso de Ciências Sociais da UFSC. A investigação partiu do projeto “Horizontes Profissionais”, elaborado com a finalidade de identificar dificuldades encontradas pelos alunos da última fase do curso e suas perspectivas. Uma bolsista de mestrado e outro de graduação, vinculados a esse projeto, cooperaram para deflagrar a investigação sobre um tema apontado como desafiador nas etapas anteriores daquela pesquisa: a trajetória dos egressos. A realização do trabalho de campo contou com a colaboração de alunos do curso de Ciências Sociais, matriculados na disciplina de “Prática de Pesquisa”, inclusa no novo currículo. Participaram da concepção dos instrumentos, do trabalho de campo e da análise dos resultados dois mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC (Thays de Souza Nogueira e Wesley Lopes Kuhn, ambos bolsistas Reuni) e cinco graduandos em Ciências Sociais (Cristina Oliveira, Maria Julia Cabral Cavalcante, Pablo Augusto do Nascimento, Talita Guímel Antunes Machado e Treicy Giovanella da Silveira).

5 A planilha de SPSS com o conjunto dos dados, assim como o relatório final da pesquisa estão disponíveis na página do curso na internet: <http://cienciassociais.ufsc.br>.

desenvolvimento de políticas públicas, trabalhando para clientes, preocupada com resultados práticos efetivos; e o quarto tipo, a **“sociologia pública”**, na qual o sociólogo participa e se envolve em redes que vão além do mundo acadêmico, ajudando a criar públicos com os quais se comunica e que atestam a relevância de suas contribuições. Tanto a sociologia profissional quanto a aplicada seriam “instrumentais”, enquanto a sociologia crítica e a pública seriam críticas (SCHWARTZMAN, 2009, p. 07). A taxonomia talvez seja ajustável às demais disciplinas das ciências sociais.

Schwartzman defende a adequação da disciplina às demandas sociais e critica a situação débil em que se encontra a formação superior para a profissão, em que tendo o diploma na mão o cientista não é considerado apto a exercê-la, o que o leva a buscar curso de pós-graduação. Argumenta que “no Brasil, ainda é o título de graduação que capacita para o exercício legal das profissões” (SCHWARTZMAN, 2009, p. 10), o que não acontece nas Ciências Sociais. De acordo com dados apresentados por publicações que tratam do tema e conforme a pesquisa “Horizontes Profissionais” (DIAMICO, 2010), a expectativa profissional para a maioria dos estudantes da área é a continuação dos estudos em programas de pós-graduação. Eles não vislumbram oportunidades de trabalho durante a formação ou com, “apenas”, o diploma de graduação.

Schwartzman acredita que as principais áreas de atuação para os cientistas sociais situam-se nas organizações não-governamentais da sociedade civil (ONGs), na administração pública ou na carreira acadêmica. Defende “uma sociologia aberta para o público, com temas trazidos pela sociedade e cujas conclusões são testadas e discutidas pela sociedade [como uma atividade] muito mais rica e interessante que uma sociologia trancafiada nos muros disciplinares e dedicada aos rituais dos jogos de poder e prestígio da academia” (SCHWARTZMAN, 2009, p. 12). Aponta, no entanto, o desafio de “estar atento e sintonizado com esta agenda pública e, ao mesmo tempo, consolidar uma sociologia que mantenha sua independência e sua relevância, tanto em relação aos rituais acadêmicos quanto em relação às organizações e movimentos sociais com os quais dialoga ou dos quais participa” (SCHWARTZMAN, 2009, p. 12). Ou seja, defende que a sociologia deve identificar novas pontes importantes de trabalho e pesquisa, propor alternativas e soluções mas também se reconstruir e repensar constantemente seu papel na sociedade.

Em relatório de pesquisa sobre as perspectivas profissionais dos Cientistas Sociais no Rio Grande do Sul, Neves (s/d) também

aponta o setor público como a principal área de emprego para a profissão e sugere a criação de pontes entre a Universidade e a Sociedade e entre a Universidade e o Mercado, como uma forma profícua de ampliação da atuação profissional do Cientista Social. O autor aponta seis críticas comuns à formação universitária na área, e que, como veremos, se reproduzem na opinião dos egressos da UFSC:

- a) falta de vínculo entre teoria e prática;
- b) pouca relação com o mercado;
- c) falta de pesquisas que levem a ações concretas na sociedade;
- d) formação deficiente frente ao ritmo acelerado da pesquisa de mercado;
- e) estímulo excessivo ao questionamento e à crítica, quando deveria sair da crítica pela crítica e ir para a ação; e
- f) pouca habilidade estatística e matemática.

Para Bonelli (1994) a discussão sobre as dificuldades de inserção do profissional da área no mercado de trabalho deve abordar a competição com seus “vizinhos” (de áreas afins), os quais disputam objetos de estudo; vagas no mercado de trabalho; formas distintas de abordar a realidade, nas diversas áreas; regulamentação de monopólio de exercício da profissão. Ou seja, deve-se levar em consideração a disputa por espaço no mercado de trabalho interprofissional. Bonelli apresenta dados sobre as ocupações dos sociólogos, com os quais verificou que o maior empregador da profissão era, à época, o governo, principalmente como docente universitário. Tais cargos se tornaram mais limitados no decorrer daquela década e outros postos de atuação têm sido gerados desde então. Segundo a autora, “se ingressar nos estabelecimentos de ensino universitário era o caminho natural da profissionalização para as gerações de formados até 1970, a partir daí essa perspectiva foi se tornando cada vez mais distante. A diversificação do mercado de trabalho coincidiu com a necessidade de se buscar novas ocupações” (BONELLI, 1994, s/p).

As oportunidades envolvem a inserção do cientista social em áreas vizinhas, não para atuarem da mesma maneira, mas para agirem de acordo com os conhecimentos adquiridos em sua formação, o que particulariza sua atuação e o qualifica na conquista dessas áreas. As ocupações de Assistente Social e Pedagogo e as de Técnico em Administração, Economista e Contador refletem o grau em que os Sociólogos competem ativamente com atividades similares às de outras profissões. Eles ingressam nessas áreas recortando o trabalho pelo enfoque da profissão de Sociólogo e disputam a função atribuindo-lhe uma conotação sociológica. Se, em maior ou menor

grau, essas profissões "vizinhas" não possuem o controle e o monopólio do mercado, a visão sociológica conquista uma entrada e uma forma de olhar a atividade que acaba se incorporando ao seu universo profissional. Não se trata de fazer o trabalho de outra profissão, mas de trazer a atividade para o campo da sociologia. É essa a característica da disputa a ser considerada e debatida. Ou se tem força para monopolizá-la, como é o caso da medicina, ou se tenta evitar que outros conquistem tal domínio, na lei ou, pelo menos, na prática (BONELLI, 1994, s/p). Ocorre também a situação inversa, em que profissionais de outras áreas atuam nos ramos das Ciências Sociais.

Indicadores dessa mudança são encontrados também no perfil dos estágios que envolvem alunos de graduação. O curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) historicamente é considerado de sólida formação teórica, sendo os estágios privilegiados aqueles realizados na própria universidade, nos núcleos de pesquisa (GROSSI et al., 2006, p.15). Tal quadro vem se alterando a partir de 2000, quando as possibilidades de estágio fora da universidade vêm aumentando, especialmente em organismos públicos, autarquias, empresas privadas e organismos não governamentais (GROSSI et al., 2006, p.16). Um dos motivos para essa transformação é o crescimento das parcerias entre governos e organismos não governamentais para a realização de programas voltados a temas sociais, como preservação ambiental, atendimento a população carente, idosos, crianças, etnias, entre outros. Também os núcleos de pesquisa do curso têm aberto as portas para parcerias tanto com entidades governamentais como não governamentais, com ou sem fins lucrativos. Tal tendência refletiu-se no debate sobre o novo Currículo Pedagógico do Curso, implantado em 2006. O Projeto Político Pedagógico passou então por uma reformulação para dar resposta “às mudanças sociais aceleradas que atingem o processo educacional no seu conjunto e que incidem particularmente nas metodologias educacionais, no perfil do aluno ingressante e *nos diversos espaços de atuação profissional dos cientistas sociais*” (UFSC, 2006, p. 5, grifo nosso)<sup>6</sup>. O novo currículo foi concebido com

---

6 O curso de Ciências Sociais da UFSC foi criado em 1973, formando a primeira turma em 1977, e é reconhecido pelo decreto presidencial No. 81.144/1978. O curso é “eminente voltado para a pesquisa acadêmica e para o magistério” (Lüchmann, 2002, p. 09). As subáreas de estudo giram em torno, principalmente, das temáticas: sistema político, políticas públicas, instituições sociais (família, escola, religião, etc.), sistema empresarial, transformações no mundo do trabalho,

o objetivo de “assegurar a melhor formação acadêmica possível, de profissionais que *encontrem colocação no mercado de trabalho*, sem se verem submetidos ou conduzidos pela lógica de um mercado que se apresenta em nome da sociedade, estimulando o espírito crítico e emancipatório próprio das Ciências Sociais” (UFSC, 2006, p. 12, grifo nosso).<sup>7</sup>

De acordo com Lüchmann, em sua pesquisa sobre o perfil dos alunos de CSO na UFSC, os dados captados junto ao corpo discente, expressando as impressões desse grupo sobre o curso e as perspectivas de atuação profissional, permitem acompanhar o desenvolvimento e as transformações nas demandas de atuação para os cientistas sociais (LÜCHMANN, 2002 p. 09). A pesquisa contou com 158 dos 327 alunos em situação regular no curso de CSO da UFSC em 2002. Constatou que 92 alunos estavam trabalhando; 9 buscavam trabalho pela primeira vez e apenas 30 não estavam buscando trabalho. A maioria não trabalhava na área; apenas 12 trabalhavam na área, mas como bolsistas na universidade. A maioria recebia até 5 salários mínimos (LÜCHMANN, 2002). Entre os motivos para ingresso no curso, 63 entrevistados apontaram “aquisição de cultura geral” como o principal; 51, a perspectiva profissional; 9 mencionaram questões ideológicas; 3 citaram a acessibilidade do curso (relação candidato/vaga) como fator motivacional. Quanto ao que consideravam ser o campo de atuação dos egressos, 41% apontaram docência e 34% apontaram para um mercado restrito. A partir disso,

---

movimentos sociais, diversidade sociocultural, relações de gênero, problemática indígena, questões raciais, sociedade e meio ambiente (idem, p. 09).

7 O mercado de trabalho para a concentração em bacharelado foi assim identificado no PPP:

- i) Profissional que atue no planejamento e gestão social, consultorias, assessorias, laudos, pareceres, relatorias e formação dos recursos humanos junto a empresas públicas, privadas, organizações não-governamentais, governamentais (legislativo, executivo, judiciário), terceiro setor, partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais e atividades similares; e instituições da sociedade civil nos diferentes âmbitos que abrangem as políticas públicas e sociais mais amplas (saúde, educação, meio ambiente, planejamento urbano, segurança, relações internacionais, comunicações, forense [jurídica e carcerária], etc.);
- ii) Pesquisador na área acadêmica ou profissional mais ampla e docência em ensino superior (UFSC, 2006, p. 33).

E assim foi desenhado para a concentração em Licenciatura:

- i) Professor da Educação Básica Fundamental e Médio;
- ii) Em âmbito interdisciplinar, atendendo os objetivos da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio) atinentes às Ciências Sociais;
- iii) Atuando nas disciplinas de Sociologia no Ensino Médio;
- iv) Atuando nas disciplinas relativas às questões étnicas e multiculturais do Ensino Fundamental;
- v) Atuando nas disciplinas de Antropologia, Ciência Política e Sociologia do Ensino Superior (UFSC, 2006, p. 33).

entre as expectativas profissionais dos entrevistados destacavam-se docência (20%), pesquisa (12%) e pós-graduação (11%). Além de 13% responderem ter pouca expectativa profissional.

Outro estudo com egressos do curso de Ciências Sociais da UFSC foi elaborado no Núcleo de Estudos de Transformações no Mundo do Trabalho (Ferreira, 2004; Aued et al., 2006). O levantamento foi desenvolvido pelo método de amostragem, tomando como objetos as turmas do Curso de Ciências Sociais dos anos de 1977 (a primeira a se formar) e os egressos dos dois próximos dez anos subsequentes (1987 e 1997). Um dado alarmante desta pesquisa é de que entre os entrevistados (40 dos 65 encontrados dos anos abrangidos pela pesquisa) apenas um egresso do curso estava trabalhando em sua área (FERREIRA, 2004)<sup>8</sup>. Dentre os motivos mais evidentes estava a dificuldade de encontrar emprego no mercado de trabalho, o que fazia com que cientistas sociais desempenhassem funções diversas. Quando surgia alguma vaga de emprego na área das ciências sociais, geralmente era no setor público, segundo a pesquisa de Ferreira.

Dentre os fatores relevantes na busca pelo perfil profissional do Cientista Social, a pesquisa de Ferreira (2004) levou em consideração também as motivações. Ficou evidente neste íterim a falta de esclarecimentos prévios sobre a estruturação das áreas do Curso para o planejamento do futuro profissional, ainda quando ingressante. Foi perceptível nos depoimentos dos egressos entrevistados naquela pesquisa a falta de informações sobre o campo de atuação profissional quando ainda eram estudantes.

Ferreira (2004) destaca a grande porcentagem de egressos que optava por essa graduação em função do baixo índice de relação candidato/vaga no vestibular (35%). Apesar de a maioria (50%) afirmar que a vocação havia sido o fator que levava à escolha pelas Ciências Sociais, o alto índice de optantes em função da “facilidade” de ingressar no curso – por vezes, apenas para depois conseguir transferência para outro curso desejado – era outro fator que afetava o desenho do perfil do cientista social. Muitos desses alunos chegaram, entretanto, a concluir o curso, e acabaram não exercendo a profissão.

Diante de tais questões, definiu-se que esta pesquisa teria o seguinte objetivo geral:

---

<sup>8</sup> Cabe observar que não foram todos os entrevistados que procuraram emprego na área: aqueles que já tinham outra profissão ou já tinham emprego fixo, que somaram 25 % dos entrevistados, não o fizeram (Ferreira, 2004, p. 32).

Continuar o processo iniciado em 2006 de avaliação do curso de Ciências Sociais por meio da análise das trajetórias dos egressos do curso (entre 2000 e 2009), visando identificar as áreas mais frequentes de atuação profissional; o aproveitamento da formação universitária na carreira; a continuidade da formação educacional; dilemas e problemas identificados pelos próprios egressos.

Como objetivos específicos, foram fixados os seguintes:

- a) Identificar com os egressos do curso de Ciências Sociais de 2000 a 2009 a relação existente entre a formação universitária e a carreira profissional, entendendo por atividades profissionais aquelas ligadas ao mercado de trabalho;
- b) Identificar e analisar as dificuldades em relação ao mercado de trabalho e caracterizar seus campos de atuação;
- c) Contribuir para futuras decisões relativas à grade curricular, ementas de disciplinas, turnos das aulas, etc. Esses subsídios podem fomentar também adaptações com o intuito de buscar aperfeiçoamentos no curso para os estudantes atuais.

## 2. Metodologia

A pesquisa desenvolveu-se nas seguintes etapas:

- a) revisão bibliográfica;
- b) identificação do público alvo;
- c) elaboração e revisão do questionário;
- d) aplicação piloto do questionário a uma pequena parcela da população estudada;
- e) aplicação do questionário ao universo da população estudada; e
- f) saneamento, processamento e avaliação dos dados e elaboração do relatório final.

Para a produção da lista de egressos foram cotejadas informações provenientes de três fontes:

- a) o Departamento de Administração Escolar (DAE), órgão da UFSC responsável pela gestão das admissões e saídas de alunos, ao qual foi solicitada a relação de egressos;
- b) o Sistema de Controle Acadêmico de Graduação (CAGR), disponível na rede interna da UFSC, que permitiu a emissão de uma relação de egressos;

c) a página oficial de egressos do sítio da UFSC na internet (egressos.ufsc.br).

Ao contrário do que seria desejável, as relações entre essas três fontes não foram idênticas: trouxeram variações na quantidade de nomes e na distribuição por ano de ingresso e ano de formatura. Foi necessária a consolidação dos dados em relações nominais separadas por ano de formatura. Os dados do DAE foram tomados como a referência principal<sup>9</sup>, apontando-se ao órgão a necessidade de esclarecimentos ou complementos em função das informações obtidas nas outras duas bases.<sup>10</sup>

A intenção inicial era a de realizar um censo com todos os 473 egressos do curso entre 2000 a 2009 (60% mulheres, 40% homens). No entanto, a defasagem das informações cadastrais produziu expressivas dificuldades para localizar esses egressos. Os pesquisadores então perseguiram a maior amostragem possível em relação ao tamanho da população. Foram localizados 273 egressos por telefone, email ou redes sociais; assim, a população acessível equivale a 57,7% do total. Foram obtidas respostas ao questionário de 195 dos egressos encontrados, equivalente a 71,4% da população acessível e 41,22% do total de egressos. A distribuição dos entrevistados por gênero é idêntica à do total de egressos. A distribuição do total de egressos, da população acessível e dos entrevistados por ano de formatura encontra-se nas Tabelas 1 e 2.

---

9 Em caso de alunos com duas datas de formatura, considerou-se a primeira data: entende-se que a primeira formatura já habilitava o aluno ao trabalho e retornos posteriores (para licenciatura, por exemplo) poderiam representar, entre outras motivações, uma reação às condições encontradas no mercado.

10 No curso da pesquisa, os interlocutores da equipe no DAE reconheceram como uma falha a inconsistência entre os dados dessas bases, e afirmaram que a universidade estava trabalhando para corrigi-la.

Tabela 1 - Egressos do curso de Ciências Sociais da UFSC, por gênero (2000-2009)

Ano	Total de egressos	Total de homens	Total de mulheres
2000	38	16	22
2001	43	19	24
2002	42	13	29
2003	49	19	30
2004	56	21	35
2005	49	22	27
2006	55	18	37
2007	36	16	20
2008	47	17	30
2009	58	25	33
<b>Total</b>	<b>473</b>	<b>186</b>	<b>287</b>
(%)	<b>100</b>	<b>39,3</b>	<b>60,6</b>

Tabela 2 - Egressos do curso de Ciências Sociais da UFSC localizados durante a pesquisa e distribuição da amostra (2000-2009)

Ano	Total de egressos	Egressos localizados que aceitaram participar da pesquisa	Egressos localizados que não aceitaram participar da pesquisa
2000	38	16	2
2001	43	26	0
2002	42	15	0
2003	49	29	0
2004	56	28	0
2005	49	31	0
2006	55	32	0
2007	36	23	0
2008	47	36	0
2009	58	35	0
<b>Total (N)</b>	<b>473</b>	<b>271</b>	<b>2</b>

Os dados cadastrais armazenados pelo DAE continham números de telefone e e-mails, que foram pontos de partida para a localização dos egressos. Naturalmente, telefones ou endereços de e-mail inexistentes eram mais frequentes, quanto mais antigas era a data de formatura. A mudança de sobrenome por mulheres casadas foi outro dos obstáculos que tiveram de ser contornados.

Com o auxílio das redes de relacionamentos digitais foi possível aumentar significativamente a população acessível. Para ampliar a localização de egressos, a equipe de investigação criou uma comunidade para a pesquisa no Orkut e empenhou-se para encontrar ex-alunos nesta rede social e também no Facebook. (Houve tentativas para encontrar fontes no Twitter, todas malsucedidas). Por meio de alguns destes contatos foi possível localizar seus ex-colegas, dentro ou fora da internet. No entanto, não foram raros os casos em que os pesquisadores solicitaram e foram adicionados à rede do egresso, mas não receberam qualquer resposta aos pedidos de contribuição com a pesquisa (como entrevistados ou fornecendo contatos de ex-colegas). Pelo Orkut o retorno foi ainda mais frustrante: os egressos localizados demoravam mais tempo para responder, isso quando o faziam.

Alguns entrevistados foram encontrados a partir de pesquisa em sítios de busca, notadamente o Google. Os contatos por email foram os mais eficazes, depois dos contatos telefônicos. O retorno da fonte pode ter demorado em alguns casos, mas o email produziu mais resultados práticos que as buscas em redes sociais.

Dentre aqueles encontrados, outra dificuldade foi a realização das entrevistas. Embora a maioria dos egressos localizados tenha efetivamente respondido ao questionário, houve casos de não aceitação do egresso em participar da pesquisa e de desistência, por falta de tempo ou outros motivos não explicados.

Para atingir os objetivos propostos e considerando a expressividade da população a ser estudada, optou-se pela aplicação de um questionário, com perguntas fechadas e, em número menor, abertas. O questionário foi concebido e discutido em grupo, durante reuniões semanais da equipe. A elaboração do questionário foi precedida de pesquisa bibliográfica sobre a profissão do cientista social e a avaliação de pesquisas precedentes sobre perfil de egressos de cursos superiores nesta e em outras áreas. Dois dos trabalhos analisados foram realizados na própria UFSC. Os questionários usados nessas pesquisas foram adotados como ponto de partida.

O questionário foi organizado em três eixos: **perfil do egresso** para identificar características sociodemográficas dos entrevistados e também suas escolhas dentro do curso, como turno e habilitação; **atividade profissional** para identificar egressos que trabalham na área ou não e os motivos; e **experiência com o curso** para identificar de que maneira a graduação influenciou nas escolhas profissionais. Optamos por não considerar trabalho o estudo em dedicação exclusiva

(remunerado com bolsa). Antes do pré-teste<sup>11</sup>, o questionário foi avaliado também pelos professores do Curso de Ciências Sociais, que ofereceram sugestões importantes<sup>12</sup>.

Como o questionário foi elaborado e pré-testado só depois da definição do *corpus* da pesquisa, as fontes foram contatadas, por telefone ou email, pelo menos duas vezes: na primeira, para confirmar a identidade e a condição de egresso e combinar a data e o período de aplicação do questionário; na segunda, para a entrevista. A aplicação dos questionários deveria ser tentada prioritariamente por meio de telefone; caso houvesse alguma dificuldade, então poderia ser realizada por meio digital (e-mail). Mas boa parte das respostas foi colhida por email, a pedido dos entrevistados. À diferença das entrevistas por telefone, as respostas por correio eletrônico tenderam a ser mais sintéticas.

Realizou-se análise estatística dos dados com auxílio do *software* SPSS, para realização de distribuição de frequências e cruzamentos.<sup>13</sup> Depois da alimentação do banco de dados, realizou-se a limpeza da base, para garantir a qualidade do material; só então foram elaboradas as análises estatísticas e não estatísticas. Produziu-se a distribuição de frequência de todas as questões quantitativas. A interpretação dos dados qualitativos foi feita por meio de análise de conteúdo, procurando aproximar as temáticas mais frequentes.

### 3. Análise e interpretação dos dados

A apresentação dos dados seguirá a estrutura do questionário, por tema. Centraremos a apresentação na distribuição das frequências relativas a cada pergunta, apresentando, sempre que julgarmos cabível, cruzamentos e observações de cunho qualitativo provenientes

---

11 O pré-teste envolveu dez entrevistas, com duração média de 30min. Essa etapa foi fundamental, pois permitiu uma reavaliação do questionário e da abordagem da pesquisa, e levou ao planejamento da organização dos dados coletados de modo a possibilitar a exportação para o SPSS. Considerou-se aceitável a extensão do questionário, em relação ao tempo médio das respostas. A aplicação revelou que alguns egressos consideravam a pergunta final, inteiramente aberta, como oportunidade para um desabafo em relação a sua trajetória profissional, à experiência no curso ou contra aspectos do próprio questionário. A equipe decidiu manter a questão e interpretar as respostas como indicadores qualitativos inteiramente abertos.

12 A equipe agradece, especialmente, aos professores Yan Carreirão, Sônia Maluf, Erni Seibel, Miriam Hartung e Antonella Tassinari, pelas contribuições.

13 Nessa etapa, contamos com a colaboração do Núcleo Interdisciplinar em Políticas Públicas (NIPP), do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, para a capacitação da equipe, a formação do banco de dados e a análise estatística.

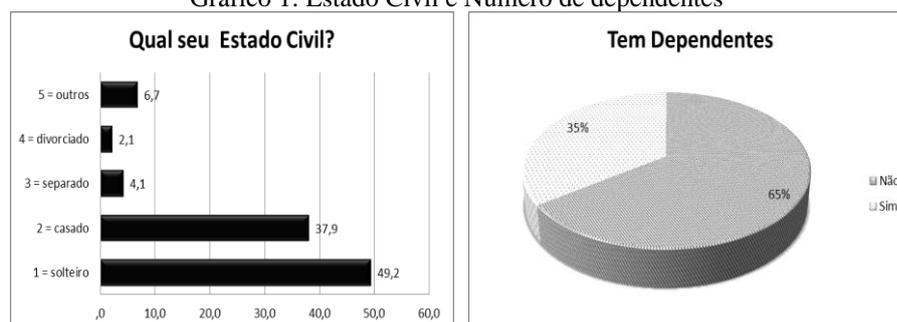
da pesquisa. Como muitas análises podem ser feitas a partir de cruzamentos, mas apenas um número limitado pôde ser incluído neste artigo, sempre que possível apontaremos novas possibilidades de clivagens.<sup>14</sup>

### 3.1. Perfil sociodemográfico

#### 3.1.1. Idade, estado civil e número de dependentes

Dos 195 egressos que responderam a pergunta, 49,2% são solteiros, 37,9% são casados, 4,1% separados, 2,1% divorciados e 6,7% outros (Gráfico 1). Dos 96 solteiros, 63% estão enquadrados na faixa etária inferior a 30 anos. Dos 74 casados, 75% são maiores de 31 anos. Separados, divorciados e outros totalizam 25 egressos, sendo 60% maiores de 31 anos e 40% inferiores a 30 anos.

Gráfico 1: Estado Civil e Número de dependentes



Notamos que 53% dos egressos são maiores de 31 anos e 47%, menores de 30 anos. Dos 195 entrevistados, apenas 34,9% têm dependentes, dos quais 60,9% têm um dependente, 25% têm dois e 14,1%, três.

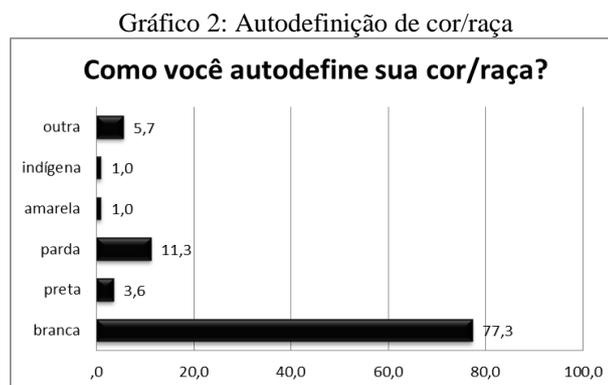
#### 3.1.2. Autodefinição de cor/raça

Consideram-se de cor/raça "branca"<sup>15</sup> 76,9% dos egressos 3,6% "preta", 11,3% "parda", 1% "amarela", 1% "indígena" e 5,6% outra (1 brasileira, 1 caucasiana, 1 humano, 1 indo portuguesa, 2

14 Não foi considerado trabalho a opção dos egressos por continuar dedicando-se exclusivamente ao estudo (em mestrado, doutorado ou pós-doutorado), ainda que recebam bolsa. Foram colhidos, contudo, os dados relativos à continuidade da formação dos egressos, o que permite identificar o percentual que se dedica exclusivamente ao estudo. Alguns entrevistados questionaram tal opção durante a pesquisa.

15 Seguiu-se o padrão do censo do IBGE para elaboração desta questão.

latino, 1 mestiço, 2 moreno, 1 negra) e 0,5% não responderam (Gráfico 2).



Segundo dados coletados do IBGE/2010, Santa Catarina é constituída por uma população predominantemente branca (85,7%), destoando do restante do país. Pardos são 11,7%, pretos 2,2% e amarelos/indígenas 0,3%. Os dados indicam que a ampla maioria dos egressos de Ciências Sociais admite sem controvérsia recorrer às categorias tradicionais (branco, preto, pardo, etc.) para a autodefinição de cor/raça, embora pontualmente tenham surgido críticas a essa opção.<sup>16</sup>

### 3.1.3. Cidade de residência atual X cidade de origem

A maioria dos entrevistados, 133 egressos (70%), mora na grande Florianópolis; 1,5%, em Joinville; 1,0%, em Blumenau; 5%, em Criciúma e 28,7%, em outras cidades diversas (Gráfico 3).<sup>17</sup>

<sup>16</sup> Alguns entrevistados contestaram o uso do termo “raça”: “Eu retiraria do item o termo raça, somos todos da raça humana... Este termo está cada vez mais em desuso devido a questões discriminatórias... Somos homens brancos, negros, pardos etc., e temos uma única raça” (trecho de entrevista). Apesar de acompanharmos os debates/discussões em torno desta questão, adotamos a pergunta no formato utilizado pelo IBGE, para permitir a comparação com os indicadores colhidos em outras pesquisas do Instituto.

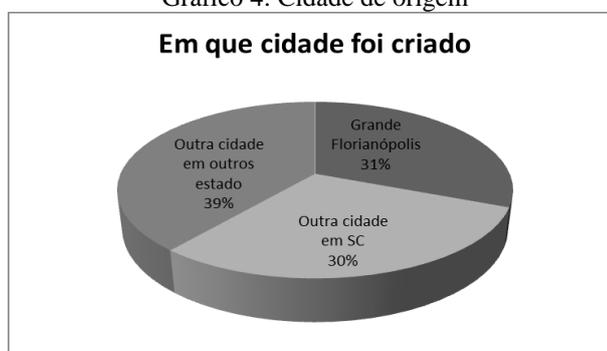
<sup>17</sup> Entre aqueles que ganham mais de 10 salários, 40% moram em Florianópolis; dos que ganham de 4 a 10 salários, 50% moram em Florianópolis e entre os que ganham até 4 salários, 76% moram em Florianópolis contra 24% que moram em outra cidade.

Gráfico 3: Em que cidade reside atualmente



Dos 195 egressos pesquisados, 30% foram criados na Grande Florianópolis; 2,6%, em Joinville; 1,0%, em Chapecó; 1,5% em Criciúma; 2,1%, em Lages; 2,1%, em Tubarão; 2,6%, em Itajaí; e 57,4%, em outra cidade (Gráfico 4). 33% foram criados em cidades do interior de Santa Catarina mostrando que praticamente 76,1% dos egressos de Ciências Sociais pesquisados são do Estado de Santa Catarina (Grande Florianópolis e interior).

Gráfico 4: Cidade de origem

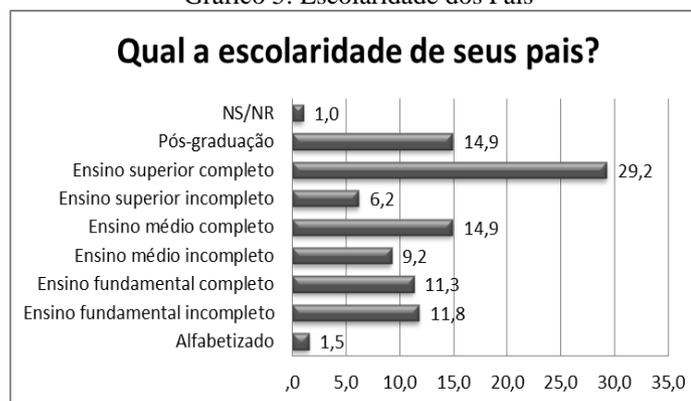


Os dados indicam que, embora provenientes de grande número de cidades do interior catarinense ou de outros estados, os egressos tendem a se concentrar na Grande Florianópolis depois de concluída a formação. Na região, iniciam a vida profissional, geralmente com salários menores; à medida que encontram novas oportunidades, deslocam-se para outros municípios, geralmente com remuneração melhor.

### 3.1.4. Escolaridade dos pais

A pesquisa indica que em torno de 45% dos egressos têm pais com graduação completa ou pós-graduação completa, sendo que 29,2% com ensino superior completo (Gráfico 5). 6,2% dos pais têm ensino superior incompleto; 14,9%, ensino médio completo e 35% cursaram até o ensino médio incompleto. Destaca-se o percentual de pais sem escolaridade, mas que são alfabetizados, 1,5%. Quanto maior o grau de ensino dos pais, maior a possibilidade de graduar-se e seguir carreira acadêmica. Note-se que levamos em consideração a escolaridade mais alta dos pais (a da mãe ou a do pai).

Gráfico 5: Escolaridade dos Pais



Dos 86 egressos que têm pais com pós-graduação ou ensino superior completo, 56% continuam na academia cursando mestrado, doutorado ou outro curso.

### 3.1.5. Escolhas relativas ao curso

Quanto à habilitação, a distribuição dos entrevistados é análoga à do conjunto dos egressos: 40,5% concluíram o bacharelado, 31,8% optaram pela licenciatura e 27,7% obtiveram as duas habilitações<sup>18</sup>. Realizaram o curso no turno diurno 53,6% dos entrevistados, enquanto 46,4% o fizeram à noite. O tempo médio de formação foi de 4,7 anos, havendo situações extraordinárias, de alunos que terminaram o curso em 20 anos ou em 1: são casos de retorno, em que os registros do aluno conservam a data original de ingresso, ou de trancamento de matrícula.

18 A comparação refere-se aos dados oficiais de egressos disponibilizados pela instituição.

### 3.2. Atividades profissionais

#### 3.2.1. Autodefinição da profissão e cargos ocupados no trabalho

Perguntamos a cada egresso como se autodefine profissionalmente. Dos entrevistados, 28% se definem Cientistas Sociais – soma das autodefinições como cientistas sociais, antropólogos, sociólogos e cientistas políticos – e 22% como professores – universitários, de ensino médio e de ensino fundamental (Gráfico 6).

Gráfico 6: Autodefinição de profissão



Há grande dispersão na autodefinição relacionada às profissões/funções que os egressos realizam. Metade dos egressos se autodefine como administradores, servidores públicos, pesquisadores, empresários, estudantes e categorias tão diversas quanto aeronauta, apicultor, cineasta, designer, fotógrafo (a), produtor rural etc. Algumas autodefinições não excluem o exercício de funções típicas de cientistas sociais – como “pesquisador” ou “funcionário público”.

Alguns entrevistados lamentaram a não regulamentação da Sociologia como profissão no Brasil. Outros apontaram que a profissão de pesquisador deveria ter constado na lista de opções predefinidas do questionário, por considerarem a pesquisa o principal meio para o desenvolvimento do trabalho do cientista social.

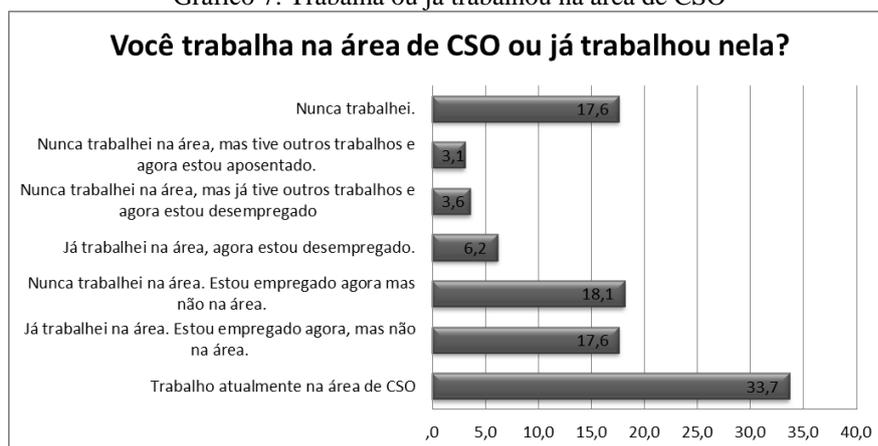
Sobre os cargos que ocupam em seu trabalho, a distribuição é semelhante à da definição da profissão: 6,2% se denominam sociólogos; 3,1%, cientistas sociais; 3,1%, antropólogos; 1%, diretores de pesquisa e 5,1%, técnicos. Não ocupam cargos 17,9% e 26,7%

ocupam inúmeros outros cargos, como assistentes, analistas, auxiliares, professores (8 casos).

### 3.2.2. Vínculo do trabalho com a área de Ciências Sociais

Dos egressos, 57,5% afirmaram estar trabalhando ou já terem trabalhado na área de Ciências Sociais – o restante nunca atuou na área (Gráfico 7). Trabalham atualmente na área 33,7% dos entrevistados; 17,6% já atuaram na área, mas atualmente estão trabalhando em outros setores, enquanto 6,2% já trabalharam na área, mas estão agora desempregados. Uma das fontes trabalhou na área depois de aposentada.

Gráfico 7: Trabalha ou já trabalhou na área de CSO



Ao todo, estavam desempregados no momento da pesquisa 9,8% dos entrevistados e 3,1% estavam aposentados e também não trabalham atualmente. Quase metade do contingente que não atuou na área nunca trabalhou (17,6%), enquanto 18,1% estavam trabalhando, mas nunca atuaram em atividades que relacionam diretamente às Ciências Sociais.<sup>19</sup>

Quanto ao grau de relação das atividades desenvolvidas com a formação recebida no curso, considerando apenas aqueles que trabalham, ou seja, 134 entrevistados, verificou-se que para 56% o

<sup>19</sup> Ao analisar os dados dos egressos que nunca trabalharam (17,6%, 34 egressos), descobriu-se que metade deles ainda está em formação: 2 fazem doutorado, 6 fazem mestrado, 7 cursam outra graduação e 2 cursam especialização. Da outra metade, 16 afirmaram, em outra questão, terem exercido outras profissões ou estarem aposentados. Portanto é realmente possível que os egressos que nunca trabalharam sejam os que decidiram alongar sua formação e permaneceram na academia.

trabalho tinha relação alta ou muito alta com a formação; para 16%, a relação era considerada “suficiente”; para 28% havia pouca ou nenhuma relação (Gráfico 8). Os dados indicam que uma grande parte dos entrevistados, mais da metade, mobiliza significativamente saberes obtidos no curso em suas atividades profissionais.

Gráfico 8: Grau de relação entre trabalho e a formação obtida no curso



Com base nas respostas ao questionário, observou-se que, mesmo quando o cargo/função não está diretamente relacionado com a área, os entrevistados consideram sua formação inicial fundamental para a realização de suas atividades, porque o curso proporciona uma forma de “ver o mundo” peculiar.

### 3.2.3. Atividades realizadas no trabalho

Quando instados a descrever a atividade que realizam em seu trabalho, 22% afirmaram atuar como professores (8,7% no ensino superior, 9,7% no ensino médio, 3,6% no fundamental) e 15,4%, como pesquisadores. 40% realizam outras 74 atividades, atividades administrativas e/ou técnicas (na área ou fora dela) (Gráfico 9). Uma quantidade expressiva dessas descrições refere-se ao envolvimento com programas de caráter social, desenvolvidos por instituições governamentais ou por ONGs: acompanhamento de alunos em evasão escolar e auxílio à formação continuada de professores; apoio a projetos comunitários indígenas de educação e manejo ambiental; assessoria a organizações comunitárias e instâncias de gestão participativa; avaliação de projetos, acompanhamento de processos, realização de oficinas e viagens de campo; pesquisador e analista em projetos socioambientais; e assim por diante.

Gráfico 9: Atividades realizadas no trabalho

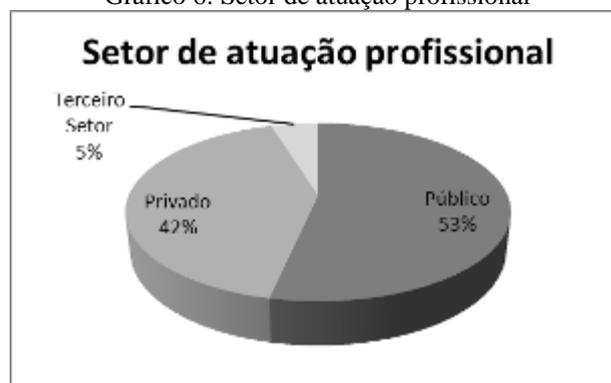


Confrontando as questões “qual sua profissão?” e “qual atividade realiza?”, descobre-se que 26% se autodefiniram como professores e apenas 22% atuam como tal, o que pode significar trabalho em outras funções no ambiente escolar e/ou universitário. Dos 51 egressos que se definiram como professores, 34 atuam apenas como professores; outros 9 exercem outras profissões, além de professores; e 7 atuam tanto no ensino universitário, como no ensino médio ou fundamental.

#### 3.2.4. Trabalho dos egressos por tipo de empregador

A maioria dos entrevistados que trabalhavam no período da pesquisa (53%), trabalhavam no setor público; 42% no setor privado e apenas 5% no terceiro setor (Gráfico 10).

Gráfico 6: Setor de atuação profissional



Quanto ao tipo de empregador, 21,5% atuam em instituição de ensino público; 7,2%, em instituição de ensino privado; 3,5%, em ONGs; 3,6%, em institutos de pesquisa públicos; 1,5%, em institutos de pesquisa privados; 2,6%, em empresas de consultoria; 5,6% trabalham por conta própria; 3,1% são empresários; 15,4% atuam em outros órgãos do setor público<sup>20</sup> e 11,8%, em outros tipos de empresas privadas<sup>21</sup>.

### 3.2.5. *Cidade em que exerce a profissão*

Dos entrevistados que trabalham, 43% atuam em Florianópolis, 33% em outras cidades em Santa Catarina e apenas 24% em outros estados. Um egresso atua no exterior, em Guiné Bissau (aluno intercambista). Ao analisar a distribuição geoespacial dos entrevistados que trabalham na área os dados são um pouco diferentes: 55% atuam em Santa Catarina (46% em Florianópolis e os demais em outras cidades). A distribuição percentual dos que trabalham na área no estado demonstra elevada concentração na Capital (80%) e em segundo lugar no Oeste (11%), no Norte (6%) e no Sul (3%), sem qualquer menção à região do Planalto Serrano. Quanto à distribuição dos egressos que atuam na área em relação às regiões do país, constata-se que 66% permanecem no Sul, 14% foram para a região Norte; 6%, para o Sudeste; 4,5%, para o Nordeste e 4,5%, para o Centro Oeste. A soma dos que atuam em vários estados ou no exterior é 3%.<sup>22</sup>

### 3.2.6. *Renda proveniente do trabalho*

Quanto à renda proveniente do trabalho, 32,3% dos entrevistados afirmaram receber até 4 salários mínimos (R\$ 2 mil)

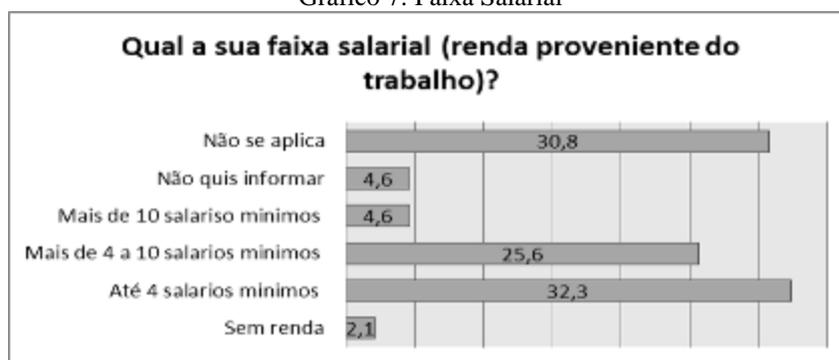
20 Entre os outros tipos de empresa pública, apontadas na pesquisa, estão: Polícia Civil; Prefeituras; Câmaras Municipais; Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina; Ministério Público; Ministério da Fazenda; Secretarias de Estado de Educação, Meio Ambiente e Saúde; Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina; hospitais; farmácia; museus; FUNAI; CIASC; EPAGRI; IFSC; INSS; PRONERA; UFLA.

21 Os outros tipos de empresas privadas citados na pesquisa são: bares; cooperativas; empresas de comunicação; instituições bancárias; empresas de assistência técnica na área de informática; uma companhia ferroviária pública e privada estrangeira (mista); a CUT; comércio; empresa de prestação de serviços; empresa de moda e revistas.

22 A distribuição territorial dos egressos que trabalham pode ser cruzada com outras variáveis, para a obtenção de interpretações complementares sobre o perfil dos egressos. É possível, por exemplo, comparar os salários dos egressos que atuam em Florianópolis com os de quem atua fora da região metropolitana. Além disso, entre outros cruzamentos relevantes, pode-se comparar o perfil dos egressos que trabalham em Santa Catarina com os que atuam em outros Estados.

(Gráfico 10). Os que afirmaram possuir renda de mais de 4 a 10 salários mínimos (R\$ 2 mil a R\$ 5 mil) corresponderam a 25,6% dos entrevistados. Apenas 4,6% dos entrevistados afirmaram ter renda superior a 10 salários mínimos (acima de R\$ 5 mil). Os aposentados, desempregados ou que nunca trabalharam são 30,8%.

Gráfico 7: Faixa Salarial



A pergunta oferecia opções categorizadas de resposta: sem renda; até 4 salários mínimos (R\$ 2 mil); mais de 4 a 10 salários mínimos (R\$ 2 mil a R\$ 5 mil); mais de 10 salários mínimos (acima de R\$ 5 mil) e não quis informar.<sup>23</sup>

Dos que responderam ter renda superior a 10 mínimos (9 entrevistados), 4 estão trabalhando na área de Ciências Sociais e definem-se como: professor de ensino fundamental/médio/universitário, pesquisador, cientista social, antropólogo ou sociólogo. Cinco atuam em áreas sem relação com o curso e definem-se como: advogado, funcionário público, aeronauta, cineasta/roteirista.

Uma associação expressiva é a relação entre a escolaridade dos pais e os altos salários dos entrevistados. Dos entrevistados que responderam receber mais de 10 salários mínimos (acima de R\$ 5 mil), 41,4% têm pais que possuem ensino superior completo ou pós-graduação. Entre os entrevistados que recebem mais de 4 a 10 salários mínimos (R\$ 2mil a R\$ 5 mil), 11,5% dos pais possuem o ensino

<sup>23</sup> Um entrevistado observou que as opções estavam dilatadas. Outro criticou, no questionário, a impossibilidade de detalhar as fontes específicas de renda: “tenho dois empregos, sendo o de sociólogo secundário. Faltou o questionamento se o emprego da área é a principal atividade”. De fato, as faixas de renda predefinidas impedem que se saiba quantos egressos têm renda até um salário mínimo, por exemplo, e algumas respostas sobre a renda realmente podem não ser identificadas como provenientes apenas do trabalho ligado às profissões relacionadas ao curso de Ciências Sociais.

superior completo ou pós-graduação. Quando a resposta foi de renda até 4 salários mínimos (R\$ 2 mil), somente 12,97% dos pais possuem ensino superior completo.

### 3.2.7. *Dificuldades encontradas na busca de trabalho*

Quais as dificuldades encontradas pelos entrevistados na busca do primeiro trabalho na área? Essas dificuldades podem explicar tantos vínculos tênues ou inexistentes com o trabalho na área de formação?

Das opções, a dificuldade mais apontada foi a de “pouca demanda de mercado por profissionais da área”, por 49,2% dos entrevistados (Gráfico 11). Em ordem decrescente de menções, surgiram também: pouca ligação do curso com o mercado de trabalho (25,6%), falta de experiência (17,4%), concorrência com profissionais de outras áreas (10,3%), falta de domínio técnico e/ou teórico na área de atuação (9,2%) e excesso de graduados em Ciências Sociais (4,1%). A opção correspondente aos que nunca procuraram emprego na área somou 24,6%.<sup>24</sup>

Gráfico 8 - Que dificuldades com relação ao mercado de trabalho na área de ciências sociais você encontrou?

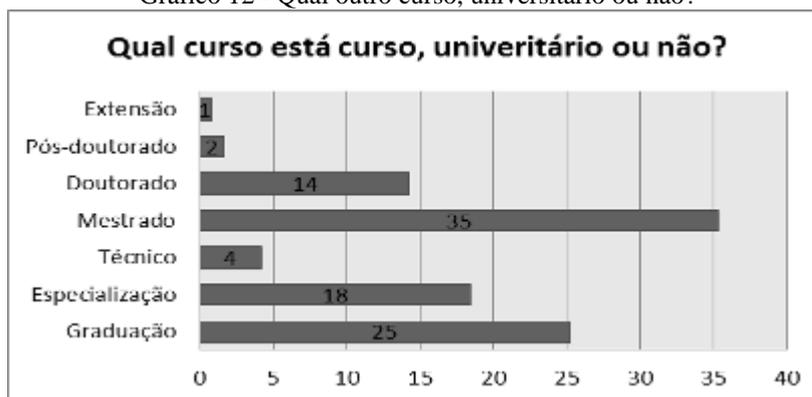


24 Na opção “outras” dificuldades, 14,4% dos entrevistados apontaram: desconhecimento da profissão pelo mercado de trabalho (como em casos em que se contratam assistentes sociais para funções que seriam adequadas aos sociólogos); pouca valorização e baixa remuneração; falta de um órgão de classe para auxiliar os profissionais; descompassos entre a formação e o mercado de trabalho (“na faculdade só ensinam teoria”, “pouca ligação do curso com o mercado”, “têm aumentado as exigências nos laudos e consultorias”); falta de oportunidades tanto na área privada, como na docência; ou justificativas pessoais (trabalho em outra área, indisponibilidade de tempo).

### 3.2.8. Formação continuada<sup>25</sup>

Buscamos informações sobre outras formações, universitárias ou não, dos egressos. Possuem outro curso, universitário ou não, 61% dos egressos, ou 119; dos quais 22,7% ainda não concluídos. Dos 119 entrevistados que fizeram ou estão fazendo outro curso universitário ou não 42 egressos (35,5%) fizeram ou estão fazendo mestrado; 17 (14%) doutorado; 22 (18%) especialização; e 2 (1%) já chegaram ao pós-doutorado (Gráfico 12). Isso indica que 42,5% dos alunos deram continuidade a sua formação acadêmica (em especialização, mestrado, doutorado ou pós-graduação). Outros 30 entrevistados (25%) fizeram outra graduação e 5 (2,6%) um curso técnico – indicando possíveis trajetórias de afastamento das Ciências Sociais.

Gráfico 12 - Qual outro curso, universitário ou não?



Total de egressos a fazerem outro curso universitário ou não – 119.

Dos alunos que fizeram ou estão fazendo outra formação, menos da metade (34,5%) afirmaram permanecer nas Ciências Sociais. Esse contingente certamente é maior, porque 5 entrevistados especificaram Antropologia e outros 2 Sociologia como “outras áreas”. 65,5% distribuem-se em inúmeras outras áreas do conhecimento, com destaque para: Educação (9 casos), Administração (7 casos, contemplando nessa categoria áreas de gestão e marketing), História (5), Direito e Letras (4 cada). Com número menor de menções, 3, apareceram Filosofia, Jornalismo, Relações Internacionais e formação Interdisciplinar.<sup>26</sup>

<sup>25</sup> A pesquisa também aferiu o grau de atualização dos egressos em relação à área, mas os dados não puderam ser contemplados neste artigo.

<sup>26</sup> Com 2 ou 1 menções, apareceram ainda as seguintes áreas: Agronomia, Comércio Exterior, Design, Eletrônica, Recursos hu

### 3.3. Experiências com o Curso

#### 3.3.1. Grau de satisfação com o curso e avaliação do curso pelo egresso

Pedimos para que os egressos escolhessem uma opção numa escala de muito satisfeito/satisfeito/nem satisfeito, nem insatisfeito/insatisfeito/muito insatisfeito para alguns itens relacionado com sua experiência durante o curso. O curso foi considerado satisfatório por quase 80% dos entrevistados, dos quais 58,5% se declararam satisfeitos e 19%, muito satisfeitos. A insatisfação foi manifestada por 6,7% dos entrevistados, enquanto 0,5% se consideram muito insatisfeitos. Nem satisfeitos, nem insatisfeitos revelaram-se 14,9% dos egressos.

Solicitamos dos egressos a avaliação do curso nas variáveis: docentes, disciplinas, formação pessoal dos alunos, formação profissional dos alunos<sup>27</sup>, estrutura física e apoio institucional (Tabela 3). Verificamos altos percentuais relacionados à avaliação positiva (ótimo ou bom) do corpo docente (95,4%), dos conteúdos/programas das disciplinas (75,3%) e do espaço físico para as aulas (57,9%).

Tabela 3 - Avaliação do curso de Ciências Sociais da UFSC pelos egressos (2000 a 2009)

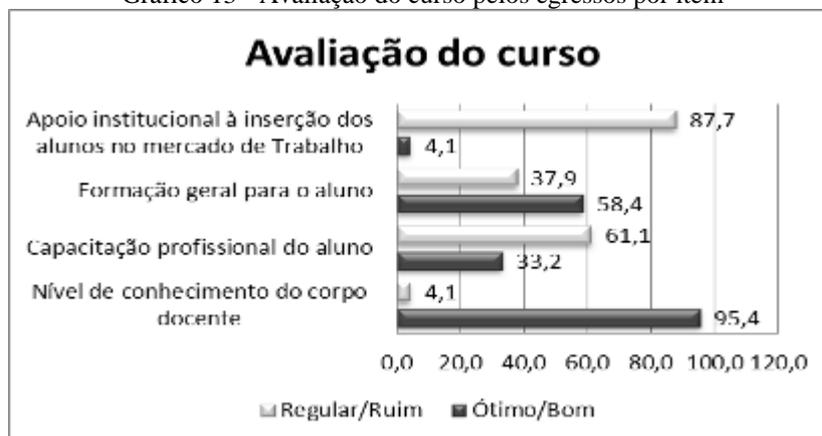
Variáveis	Ótimo/ Bom	Regular/ Ruim	Indeciso ou sem opinião
Nível de conhecimento do corpo docente	95,4	4,1	,5
Conteúdos/Programas das Disciplinas	75,3	24,2	,5
Capacitação profissional do aluno	33,2	61,1	5,7
Formação geral para o aluno	58,4	37,9	3,7
Adequação dos recursos didático-pedagógicos	39,0	59,5	1,5
Espaço físico para o desenvolvimento das aulas	57,9	41,5	,5
Qualidade e acervo da biblioteca	47,2	49,7	3,1
Apoio institucional à inserção dos alunos no mercado de trabalho	4,1	87,7	8,2
Assistência estudantil	22,2	60,3	17,5

Em contrapartida, verifica-se também alto percentual, 87,7% e 61,1% respectivamente, de avaliação negativa (regular ou ruim) dos itens “apoio institucional à inserção dos alunos no mercado de

27 A diferença entre formação pessoal e profissional se fez bastante presente durante a aplicação do questionário, já que muitos dos entrevistados, embora não trabalhem na área de Ciências Sociais, afirmam que o curso lhes trouxe uma “visão de mundo” diferente da que tinham antes da faculdade e que os qualifica como profissionais de qualquer área.

trabalho” e “capacitação profissional do aluno”. Ou seja: há, em geral, uma avaliação negativa relacionada aos itens que estariam ligados ao mercado de trabalho e, inversamente, uma avaliação positiva do corpo docente. Esse dado pode estar relacionado com a crítica mais frequente ao curso, de ser muito teórico e ter pouca relação com o mercado de trabalho. Esta hipótese é reafirmada se compararmos a avaliação que os egressos fizeram da “formação geral do aluno”: 58,4% responderam “bom” ou “ótimo” neste item (Gráfico 13).

Gráfico 13 - Avaliação do curso pelos egressos por item



\*Não foram contabilizados os indecisos ou “sem opinião” neste gráfico, portanto, os valores não somam 100%.

Parte dos aspectos mais criticados pelos alunos escapa à governabilidade do curso, como as políticas de assistência estudantil, consideradas regulares ou ruins por 60,3% dos egressos, assim como a qualidade e o acervo da biblioteca (49,7% de avaliação negativa) e a adequação dos recursos didático-pedagógicos (59,5%).

### 3.3.2. *Motivação e influências para cursar Ciências Sociais*

Quando convidados a compartilhar as motivações que os levaram a cursar Ciências Sociais na UFSC, 78,5% dos entrevistados assinalaram ter “interesse pelo tema”. Somado a outras motivações como “entender a sociedade e contribuir”, “era o que eu queria” e os que se interessaram pelo curso depois de terem ingressado chega-se a quase 80%. Isso demonstra a predominância de motivações que não estão relacionadas a crescimento socioeconômico ou a uma ideia de carreira profissional. O curso parece ter atraído alunos que carregam

certo idealismo ou motivação político-ideológica. Como veremos, a militância tem importância entre os fatores motivacionais.

Quanto às influências que levaram a escolher o curso, 40% dos alunos afirmaram ter recebido algum tipo de influência: 25,1% mencionaram pessoas da família ou amigos e cerca de 28 % de algum tipo de instituição (escola, movimento social ou partido político)<sup>28</sup>. 60% dos entrevistados consideram não ter sofrido influências. Isso pode ter relação com a postura dos egressos do curso, ressaltando a autonomia destes nas decisões profissionais.

No campo “outras influências”, destacam-se respostas relacionadas à opção Escola, como leituras de livros didáticos no ensino médio, influência de professores de ensino médio e fundamental. Dessa forma, a Escola corresponde a aproximadamente 10% das influências, mais que partido político e movimento social (que somam os outros 10% dos 20% relativos às influências de instituições).

O turno (horário) das aulas e o resultado de teste vocacional destacam-se como influências inusitadas, e indicam que a escolha pelo curso universitário pode ser, em algumas situações, casual.

### 3.3.3. Taxa de recomendação do curso pelo egresso

Perguntamos se o egresso indicaria o curso de Ciências Sociais da UFSC para outra pessoa. Verificou-se que 88,2% dos egressos recomendariam o curso, fundamentalmente, em função da qualidade dos professores (razão apontada por 49% dos entrevistados), da estrutura da universidade (35,6%) e da grade curricular (32%) (Tabela 4).

Tabela 4 - Razões para recomendar o curso de Ciências Sociais da UFSC

<b>Razão</b>	<b>N.</b>	<b>%</b>
Grade curricular	62	32,0
Mercado de trabalho	25	12,9
Estrutura UFSC	69	35,6
Qualidade dos professores	95	49,0
Atividades desenvolvidas pelo profissional de CSO	44	22,7
Outro motivo	57	29,4

28 Ressalta-se que esta questão era aberta a mais de uma alternativa. Sendo assim a soma das frequências será maior que 100%.

Esses dados nos mostram que, embora críticos aos problemas, os egressos o consideram, de maneira geral, um bom curso. Chama a atenção o percentual de casos relacionados ao conhecimento proporcionado pelo curso: 23,6% dos egressos recomendariam o curso devido à satisfação pessoal e ao conhecimento obtido.

Notamos, contudo, que 12% (23 entrevistados) não recomendariam o curso. A maioria das razões daqueles que não indicariam o curso está relacionada com o mercado de trabalho. Dentre os 23 egressos que não recomendariam o curso para outra pessoa, 4 não o fariam devido à “grade curricular”; 18 por causa do “mercado de trabalho”; 2 devido à “estrutura da UFSC”; 3 pela “qualidade dos professores”; 4 devido “às atividades desenvolvidas pelo profissional de CSO”; 4 por “outros motivos” – tais como “só existir emprego como professor universitário”, “devido ao cunho ideológico de esquerda do curso”; e 2 por motivos pessoais.

### **3.4. Análises qualitativas**

A formação crítica dos alunos do curso reafirma-se por outro indicador: dos 195 entrevistados, 83 (42,6%) fizeram observações adicionais a respeito do tema da pesquisa na questão final, inteiramente aberta. Algumas delas se transformaram em breves depoimentos sobre o curso. Críticas pontuais a aspectos da pesquisa, incluídas nessas observações, foram distribuídas nas notas deste relatório, em paralelo à exposição dos dados. Aquelas mais amplas, voltadas aos objetivos gerais da pesquisa, são agrupadas, por semelhança temática, nas seções a seguir. Nelas, também foram reunidas as muitas sugestões de aprimoramento do curso apresentadas pelos entrevistados.

#### *3.4.1. Curso e mercado de trabalho*

Falta uma articulação maior do curso com o mercado de trabalho.

A frase, além de reafirmar os dados quantitativos, sintetiza opiniões de inúmeros entrevistados, para os quais a formação no curso de Ciências Sociais da UFSC é marcadamente acadêmica, dando pouca atenção às possibilidades de atuação profissional fora dos ambientes escolares:

Infelizmente dentro do nosso curso não houve apoio ao estudante sobre áreas de atuação profissional longe da academia. Somos formados para fazer mestrado, doutorado e dar aulas, outras possibilidades pouco aparecem nos [...] discursos [dos professores]. Mesmo mestre e doutores não necessariamente precisam estar empregados em universidades. Podem desenvolver projetos e pesquisas em outros ambientes.

Para alguns dos entrevistados haveria desequilíbrio até mesmo na formação de professores, privilegiando-se a pesquisa em relação à docência:

Preparam o aluno para pesquisa e não para a sala de aula. Acho que tem muitas teorias que são pouco utilizadas em aulas práticas, pesquisas e trabalhos de campo.

A demanda por mais atenção à diversidade das possibilidades de atuação profissional não significa que os egressos reivindicam uma formação subserviente a supostas necessidades do “mercado”. Muitas observações valorizam explicitamente a formação geral recebida no curso:

Fiz o curso visando meu crescimento pessoal o que efetivamente aconteceu. Sinto-me apta a debater os mais variados temas e o curso abriu minha mente para entender melhor a sociedade. Ciências Sociais é um curso que eu recomendaria a todos por ser um curso completo, mas recomendaria como segunda formação, pois financeiramente não consegui encontrar muito espaço. Passados dez anos do término do curso, e agora dando aula em outra universidade federal, percebo de maneira bem diferenciada a minha formação. Agora dou mais valor aos programas e professores. Acho que o bacharelado, na minha época, era todo pensado para a carreira acadêmica, por isso me é tão útil hoje. Antes de ser professora universitária, trabalhei três anos [...], e acho que minha formação me dava alguma base para a atividade técnica. No entanto, me deparava com várias demandas para as quais eu poderia ter sido minimamente preparada, como a construção de dossiês, relatórios e laudos técnicos.

Em muitas das manifestações de egressos o desafio seria complementar essa formação, por meio de experiências de ensino, pesquisa e extensão capazes de expandir o conhecimento do aluno sobre as possibilidades de atuação profissional.

No Brasil há certa confusão entre curso superior de nível acadêmico e capacitação profissional.

Quais seriam, na opinião de alguns egressos, as razões desse distanciamento? Alguns entrevistados apontam a responsabilidade para os docentes. Uns chegam a afirmar que professores do curso têm preconceito com o mercado de trabalho:

O mercado de trabalho [é] visto por alguns de forma até negativa ou até menosprezada. Falta quebrar essa barreira para além dos muros da universidade.

Falta mais ética para os professores, eles só querem conversar do que eles pensam.

Outros apontam para fatores político-pedagógicos:

O curso é muito militante, deveria ser mais democrático.

O curso se fecha muito em cada área. Não há imbricação das três áreas.

No âmbito do ensino, um amplo conjunto de sugestões apresentadas pelos egressos volta-se a aprimoramentos no currículo e nos planos de aula:

Os professores deveriam deixar mais explícitas as possibilidades profissionais para seus alunos para além da carreira estritamente acadêmica. No caso da antropologia, seria bom que informassem como podemos atuar em órgãos governamentais e não governamentais (FUNAI, ONGs, museus, institutos de pesquisa, etc) e falassem de modo mais aberto de suas próprias experiências como profissionais.

Várias sugestões remetem à importância de promover articulações entre “teoria” e “prática”:

[...] a grade curricular na minha época, que era bastante defasada, faltando incorporar como obrigatórias as disciplinas básicas que tratem de autores contemporâneos e articular mais teoria e prática nas Ciências Sociais.

Percebo que se, durante a graduação, profissionais que trabalham nas diversas áreas que influenciam e são influenciadas pelas CSO, tivessem realizado palestras, mesas, debates apresentações, etc, sobre seus cargos respectivas atividades, nós teríamos mais segurança para buscar emprego na área de CSO. Da mesma forma, alguns professores tivessem ido a campo conosco, como raríssimos fizeram, creio que a reação seria a mesma que a acima relatada.

Outra sugestão recorrente refere-se a incrementar a preparação dos alunos para participarem de concursos públicos:

Outra área profissional para a qual o curso precisa atentar se refere aos cargos em instituições públicas – como FATMA, INCRA, Ministério Público, docência – cujo ingresso se dá via Concursos Públicos. Além disso, seria preciso incluir na formação o debate sobre trabalhos de consultoria e de elaboração de laudos técnicos.

Alguns entrevistados gostariam que a universidade tomasse a iniciativa de ampliar seus vínculos com o mercado de trabalho.

A universidade deve buscar parcerias com empresas públicas, privadas, governo ou ONGs para que os alunos possam ter experiências na atuação profissional, que vão além da atividade de docência.

Existe campo de trabalho para o cientista social, mas precisa ser mais bem explorado. Pesquisa sobre “quem é o cientista social no Brasil” deveria ser feita pela universidade, para verificar onde e como estão atuando os profissionais da área. É preciso mapear a atuação profissional.

Uma sugestão recorrente é a de ampliar a oferta de estágios e atividades de extensão, por meio da intensificação das relações entre o curso e instituições públicas ou privadas<sup>29</sup>:

Considero muito importante a experiência de estágio no curso de ciências sociais. No entanto, as oportunidades são muito raras e por isso considero essencial uma mobilização maior por parte da coordenação de curso, do centro acadêmico para realmente buscar mais espaços de estágio, pois existe demanda para a atuação do cientista social, principalmente em órgãos públicos. Além disso, a realização de palestras com profissionais egressos também é interessante para que os estudantes que iniciarem o curso tenham maiores perspectivas.

### 3.4.2. *Licenciatura*

A base de dados permite cruzamentos destinados a comparar as diferenças de opinião sobre o curso entre egressos da Licenciatura e do Bacharelado; tais clivagens merecem um estudo específico, que escapa à competência e aos prazos da equipe que trabalhou nesta

---

<sup>29</sup> Algumas das interfaces já existentes entre o curso e a sociedade foram valorizadas pelos entrevistados: “A matéria de ecologia política (Professor Paulo) a ajudou a trabalhar como voluntária em áreas ambientais da ilha.”

pesquisa. As manifestações espontâneas dos entrevistados parecem indicar a existência de perspectivas rivais a respeito da qualidade da formação oferecida na licenciatura, como indicam os trechos de depoimentos a seguir:

A formação oferecida pela UFSC, principalmente na licenciatura, é excelente. O cientista social é fundamental dentro de uma escola, por sua capacidade de análise crítica e formação para a pesquisa. Temos um déficit de formação, especialmente, no tocante à licenciatura: as disciplinas que cursei foram insuficientes e de baixa qualidade (tanto por conta dos conteúdos como pelos docentes nessa área). No mestrado e no doutorado a falta de valorização da licenciatura se evidencia, pois não há formação e nem debates direcionados para preparar os futuros docentes. O que é um absurdo, posto que a maioria dos egressos das Ciências Sociais trabalhará com docência. A pouca experiência que adquiri se deveu a minha iniciativa em realizar todas as monitorias e estágios de docência possíveis.

Alguns entrevistados apresentaram sugestões para aprimorar a formação na licenciatura. Uma delas é estender a atenção dos docentes à atividade didática durante todo o curso:

Acredito que o curso de ciências sociais te propicia um embasamento fantástico da teoria social, no entanto, a prática fica relegada a um segundo plano. Saímos da universidade com uma carga teórica elevada, mas ao mesmo tempo seria como se "eles" dissessem assim: "agora pega isso e vira em uma sala de aula com 40 adolescentes". [...] A realidade mostrada em sala durante o curso muitas vezes não condiz com o que vamos encontrar pela frente. Teoria e prática devem caminhar juntas (durante todo o curso, e não apenas no final) para que tenhamos um profissional mais qualificado. [...]

Outras observações destacam a importância de uma atuação do curso, no sentido de refletir sobre as particularidades do trabalho de docência no ensino público:

Está muito difícil e pouco atrativo dar aula no ensino público em SC. Salários baixos e falta de material te desestimulam. Pior ainda quando você entra numa sala de aula pela primeira vez e fica sabendo que suas aulas de prática na licenciatura foram fracas, para não dizer outra coisa, pois não há práxis, só um discurso marxista ortodoxo de professores que desconhecem a realidade escolar, se masturbam falando da sociedade de classes, mas são gestores da miséria intelectual que vitimiza educador e educando...

### 3.4.3. *Condições de oferta e relações de ensino-aprendizagem*

Os entrevistados apontaram, também, problemas referentes às condições de oferta ou às relações de ensino-aprendizagem – incluindo-se, nestes casos, algumas observações sobre lacunas no currículo.

Entre as críticas à infraestrutura da Universidade, destacam-se aquelas dirigidas à biblioteca:

Quando entrei no curso o espaço físico das salas de aula era muito deteriorado, faltava material para o professor ter condições de ministrar uma boa aula. Depois que me formei e entrei no mestrado, a qualidade do espaço melhorou exponencialmente. Ainda assim falta uma boa biblioteca e uma maior facilidade de acesso aos livros que chegam aos núcleos. Não existe nenhum tipo de cadastro de que títulos cada núcleo possui para que os alunos possam ter acesso a estes livros.<sup>30</sup>

As relações de sala de aula foram lembradas por alguns entrevistados, que identificaram problemas específicos, como baixo nível de exigência:

O nível de cobrança com os alunos é muito baixo: muitos professores não cobram presença ou fazem uma avaliação muito fácil. Sempre tive a impressão de que os alunos desinteressados, que faltavam excessivamente, que não liam os textos e não participavam das aulas saíam impunes na maioria das matérias. Isso é extremamente injusto e frustrante.

Outros apontaram lacunas no currículo, nos planos de ensino ou na oferta de disciplinas (entre os cursos matutino e noturno):

[...] falta unidade na formação teórica básica.  
 [...] falta mais formação em metodologia quantitativa.  
 Oferta de disciplinas é um problema que os alunos do noturno enfrentam. Fiz os créditos necessários para o bacharelado, mas para poder concluir as duas habilitações teria que ficar mais um semestre em Florianópolis, então tive que optar por uma.

---

30 O Laboratório de Sociologia do Trabalho (Lastro) alimenta atualmente uma biblioteca digital que contempla o cadastro dos títulos guardados em boa parte dos núcleos de pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) da UFSC.

#### 4. Considerações finais

Em síntese, os dados reunidos nessa pesquisa apontam que os egressos do Curso de Ciências Sociais da UFSC entre 2000 e 2009 predominantemente:

a) são jovens, solteiros e sem dependentes; foram criados em Santa Catarina e moram e trabalham atualmente na Grande Florianópolis; e vêm de famílias cujos pais tiveram acesso ao ensino superior;

b) escolheram o curso fundamentalmente por seu interesse pelo tema, não em função de uma carreira profissional ou voltada à ascensão socioeconômica;

c) durante a formação, tiveram acesso a diversificadas oportunidades de formação extracurricular;

d) finda a graduação, estão satisfeitos com o curso de graduação em Ciências Sociais da UFSC, especialmente em função da qualidade do corpo docente, dos programas das disciplinas e do espaço físico para as aulas, e por conta disso o recomendariam;

e) criticam, no entanto, o curso por oferecer baixa capacitação profissional e pouco apoio institucional à inserção dos alunos no mercado de trabalho;

f) relatam que, ao concluir o curso, sentiam-se pouco seguros para atuar sozinhos na área, e encontraram pouca demanda de mercado por profissionais de ciências sociais; apesar disso, ainda têm ambições ou planos relacionados à área;

g) já atuaram profissionalmente na área, embora a maioria atualmente não o faça; atuam em uma enorme gama de atividades profissionais, das quais se destacam as de professor e pesquisador (responsáveis por um terço do total);

h) autodefinem-se como professores ou cientistas sociais (sociólogos, antropólogos, cientistas políticos), ou têm autodefinição profissional dispersa em inúmeras categorias;

i) mobilizam conhecimentos obtidos no curso em suas atividades profissionais, mesmo que fora da área;

h) trabalham no setor público;

i) não têm renda ou têm renda até 4 salários mínimos;

j) estão satisfeitos com seu trabalho atual;

l) se consideram atualizados em relação aos debates mais recentes na área, por meio da leitura de jornais, revistas e livros especializados; e

m) deram continuidade à formação universitária, em outros cursos de graduação ou em pós, majoritariamente em outras disciplinas, e o fizeram principalmente na UFSC.

Os dados podem ser submetidos a uma série de cruzamentos destinados à produção de novas análises. A partir deles, é possível, por exemplo, realizar estudos específicos sobre as diferenças de gênero ou faixa etária, as particularidades do ensino noturno, as perspectivas distintas de egressos da licenciatura em relação aos do bacharelado ou dos egressos no início da década em relação aos do final da década – temas evidentemente relevantes, que no entanto exigem dedicação específica, que escapou ao alcance da equipe que realizou esta pesquisa.

Analisando-se as respostas dos entrevistados, nos parece que o curso, a despeito de cumprir a maior parte das expectativas dos egressos, pode ser aprimorado no que tange a diversas possibilidades relacionadas ao vínculo entre formação superior e mercado de trabalho. O curso já está mudando, com o objetivo responder a essas frustrações, por exemplo, incluindo no currículo carga horária para participação em núcleos.

Os entrevistados entendem que tal relação não é linear – que o papel da universidade não é o de capacitar força de trabalho –, e apresentam uma série de críticas e sugestões sobre ela, que podem levar a importantes (e necessários) ajustes no currículo, nos programas de disciplinas, nas atividades de extensão, na política de estágios.

Num esforço para sistematizar tais contribuições, aponta-se a relevância de:

a) contemplar, na formação do aluno, práticas profissionais correntes no mercado de trabalho (como a produção de relatórios ou laudos técnicos);

b) promover a aproximação institucional entre a universidade e os principais empregadores de profissionais da área (órgãos do poder público, ONGs, empresas públicas e privadas de pesquisa, ensino ou consultoria), para o mapeamento de necessidades e a troca de know-how; tal aproximação pode envolver pesquisa, ensino, extensão e todas as inter-relações entre essas atividades indissociáveis;

c) retomar, nas relações de ensino-aprendizagem, a experiência profissional dos docentes ou recorrer a outros exemplos empíricos de atuação;

d) estimular o envolvimento conjunto de professores e discentes nas atividades de campo;

e) levar em conta, na formação, as exigências de conteúdo prescritas por concursos públicos (desde que, evidentemente, se baseiem nas diretrizes curriculares da área);

f) incrementar as oportunidades de estágio, diversificando as áreas de formação exigidas, os tipos de contratantes e as atividades a desenvolver;

g) organizar fóruns para a troca de experiências entre professores, alunos e profissionais em atuação na área;

h) fortalecer os conteúdos e experiências de aprendizagem das disciplinas da licenciatura; no bacharelado, aprimorar o ensino de métodos quantitativos e sua aplicação;

i) aprimorar a avaliação, de modo a aumentar o nível de exigência quanto à aprendizagem dos alunos, num processo que motive o crescimento coletivo.

Gostaríamos ainda de destacar alguns aspectos.

A taxa de egressos no período (47,3%), ao tempo em que materializa os efeitos da elevada evasão, também permite supor que os alunos que chegam ao final do curso têm expectativas mais realistas em relação ao mercado de trabalho, derivadas da aprendizagem e do contato com funções exercidas pelos profissionais da área em eventos ou estágios. Assim, não é surpreendente que a pesquisa não aponte um choque entre expectativa e realidade: quando colaram grau, os alunos já conheciam algumas das dificuldades (e oportunidades) que encontrariam no início de suas trajetórias profissionais.

A análise das motivações para o ingresso no curso demonstra que poucos tinham a intenção de buscar qualificação para o trabalho. Assim, há mesmo pouca relação entre as motivações para o ingresso e o desempenho posterior no mercado.

A pesquisa permite que se vislumbre a diversidade do mercado daqueles que trabalham na área. A taxa de envolvimento desses egressos com a docência é inferior à metade; as demais atividades desenvolvidas por eles podem ser analisadas dividindo-as entre os setores público e privado.

No serviço público, é possível vislumbrar a conquista de espaços para sociólogos, antropólogos e cientistas políticos em prefeituras, secretarias de estado, ministérios, fundações e autarquias nos três níveis de governo. Número expressivo de egressos tem trabalhado com a formulação, a implantação, o monitoramento ou a avaliação de políticas públicas. É notável a presença reduzida de postos de trabalho junto aos legislativos: a formulação de leis, a fiscalização dos executivos, a representação de interesses, entre outras

atribuições parlamentares em Santa Catarina, parecem ser integralmente realizadas por profissionais de outras áreas.

No setor privado, destacam-se atividades de pesquisa e análise de dados. Também são nítidos os efeitos de padrões precários ou flexíveis de contratação, cujas marcas se encontram na criação de firmas de consultoria (para viabilizar o auto emprego) ou no trabalho como *free-lancer*.

Se levadas em conta, as críticas dos egressos à escassa inter-relação entre o curso e o mercado de trabalho podem conduzir à concepção de uma política de intensificação dos vínculos entre a universidade e a sociedade (e, nela, o mercado de trabalho). Essas parecem ser as principais demandas apresentada ao curso pelos egressos entrevistados: suprir as lacunas de informação e reflexão crítica sobre o mercado de trabalho na área durante o processo de formação; tomar iniciativas institucionais para ampliar as oportunidades para os profissionais da área. Alguns ex-alunos notaram disparidade entre as exigências encontradas em concursos e seleções para mestrado em outras instituições, em relação aos conteúdos que aprenderam no curso. Uma das necessidades apontadas foi a de dar mais destaque para autores brasileiros entre as referências estudadas nas disciplinas.

Para parte dos entrevistados, o curso, ao tirar os alunos do senso comum, tem seu mérito independentemente da possibilidade de usar a formação no mercado de trabalho. A satisfação elevada com o curso responde diretamente ao reconhecimento da relevância da formação geral obtida. Alguns egressos revelaram-se ansiosos por retomar o contato com a universidade, reclamando da ausência de vínculo posterior à formação. Isso parece reforçar a necessidade de ampliar a política de relação com egressos, que a UFSC começa a implantar.

Os resultados desta pesquisa não comportam os efeitos da implantação do Projeto Político Pedagógico vigente, implantado a partir de 2007 e com turmas formadas a partir de 2010. Assim, alguns dos problemas apontados pelos egressos já estão sendo enfrentados em sala de aula há pelo menos cinco anos. Um exemplo notável é a articulação das disciplinas introdutórias a sociologia, ciência política e antropologia, assim como das disciplinas teóricas básicas dessas áreas, em torno de Práticas Pedagógicas como Componente Curricular (PPCC). Muitas das mudanças no PPP objetivavam aproximar o curso e os espaços de atuação profissional. Alguns dos entrevistados, ao serem informados disso pelos pesquisadores, ficaram entusiasmados,

o que confirma a relevância desses ajustes. A realização de uma pesquisa semelhante a esta, em 2020, poderá contribuir para a aferição dos efeitos das mudanças no PPP na experiência dos alunos no curso.

Outros pontos apontados criticamente pelos egressos foram enfrentados, nos últimos anos, por decisões de coordenação pedagógica do curso, como a integração entre ensino e as atividades dos núcleos de pesquisa e algum incremento no número de estágios. Além disso, a retomada dos investimentos do governo federal na melhoria da infraestrutura das universidades federais permitiu a aquisição de projetores, computadores e climatizadores para quase todas as salas de aula, além de livros, equipamentos e material hemerográfico para bibliotecas, laboratórios e núcleos de pesquisa.

Feitas tais ressalvas, parece-nos interessante estabelecer relações entre os resultados desta enquete e estudos resenhados na problematização. Em especial, destaca-se a compatibilidade entre os dados aqui apresentados e as críticas apontadas pelos entrevistados de Neves (s/d) à formação universitária na área, no que diz respeito a “falta de vínculo entre teoria e prática”, “pouca relação do curso com o mercado” e “formação deficiente frente ao ritmo da pesquisa de mercado”. Novas pesquisas poderão investigar mais a fundo tais formulações, que parecem constituir uma crítica ao mundo “acadêmico” já incorporada ao senso comum – portanto, naturalizada e resistente ao reconhecimento de um novo status das relações entre universidade e sociedade (o “mercado” dentro desta).

Em outros pontos, os egressos do curso da UFSC se distanciam dos cientistas sociais gaúchos. Na pesquisa de Neves, aponta-se a “falta de pesquisas que levem a ações concretas na sociedade” e nota-se “estímulo excessivo ao questionamento e à crítica”, o que deveria ser superado em nome de uma ciência mais voltada para a ação. Aqui, não apareceram observações semelhantes, nem nas respostas às questões sobre as experiências dos alunos com pesquisa, nem nos espaços para comentários. Isso suscita uma interrogação: se os alunos da UFSC reconhecem que os projetos dos núcleos de pesquisa vinculados ao curso têm relações concretas com problemas sociais, qual a consistência da crítica ao suposto isolamento do mundo acadêmico?

Alguns resultados desta pesquisa reiteram as descobertas do levantamento de Lüchmann (2002) com os alunos naquele ano matriculados no curso. Como entre os alunos regulares de 2002, a maioria dos egressos trabalha, mas fora da área de formação. Também como na pesquisa de Lüchmann, os egressos da primeira década de

2000 apontam como principal motivação para realizar o curso o interesse na aquisição de cultura geral.<sup>31</sup>

Por fim, os dados aqui colhidos parecem indicar a importância de uma atuação mais incisiva da universidade na constituição do campo profissional da área (e das subáreas). Ela poderia atuar no combate às disputas internas à corporação, apontadas por Bonelli (1994) e Schwartzman (2009), que encontram eco nos dados recolhidos junto aos egressos da UFSC.

### Referências

AUED, B. W.; CAMPOS, G. G. da S.; FERREIRA, M. dos S. Egressos do Curso de ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina: profissões em movimento. **Mosaico Social**, ano 3. Florianópolis: UFSC, 2006.

BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas**: Uma visão humanística. Petrópolis, Vozes, 1986

BONELLI, M. G. O mercado de trabalho dos cientistas sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo: 1994, n. 25.

DIAMICO, M. Horizontes Profissionais. Relatório de Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política/UFSC, 2010.

FERREIRA, M. dos S. **Os cientistas Sociais em SC e a profissão**: Trajetórias, impasses e alternativas. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais, 2004.

GROSSI, M. P; CARDOZO, F.; MENDES, J.C.; E OLIVEIRA, R.M. O Estágio no Curso de Ciências Sociais: algumas experiências. **Mosaico Social**. UFSC, ano 3, 2006.

LUCHMANN, L. O Curso de Ciências Sociais na UFSC. **Mosaico Social**. UFSC, ano 3, 2006.

---

31 Em ambos os temas, esta pesquisa e a de Luchmann colidem com os resultados apontados por Ferreira (2004), possivelmente afetados pelo tipo de amostragem em que se basearam.

NEVES, C. E. B. **Qualificação e Mercado de Trabalho: A perspectiva dos cientistas sociais.** Relatório de Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, s/d.

SCHWARTZMAN, Simon. **A sociologia como profissão pública no Brasil.** Conferência preparada para o 14º Congresso Brasileiro de Sociologia, Rio de Janeiro, 31 de Julho de 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Curso de Ciências Sociais – Projeto político pedagógico.** Florianópolis, 2006. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/gradCienciasSociais/ppp.pdf>>. Acesso em: 18 ago 2010.

VILA NOVA, Sebastião. **Ciência Social: humanismo ou técnica?** Ensaios sobre problemas de teoria, pesquisa e planejamento social. Petrópolis: Vozes, 1984.

WALLERSTEIN, I. **Impensar a ciência social.** Os limites dos paradigmas do século XIX. Aparecida (SP): Ideias & Letras, 2006.

WRIGHT MILLS, C. **A imaginação sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.